

Modo de vida e territorialidade em transformações na comunidade tradicional ribeirinha do Lontra da Pedreira

Way of life and changes in the community territoriality traditional riverside Lontra da Pedreira

Rosana Torrinha Silva de Farias¹ e Roni Mayer Lomba²

1 Professora do Curso de Geografia (UNIFAP). Mestre em Educação (UAA). Mestre em Desenvolvimento Regional (UNIFAP). E-mail: rtorrinha@unifap.br

2 Professor do Curso de Geografia (UNIFAP). Mestre em Geografia (UFMG). Doutor em Geografia (USP). E-mail: ronimayer@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre as transformações no modo de vida e na territorialidade da população tradicional ribeirinha do Lontra da Pedreira, localizada no Distrito da Pedreira, na zona rural do município de Macapá, Estado do Amapá. O objetivo foi de analisar os fatos marcantes que ocorreram durante o processo histórico de apropriação socioeconômica deste espaço, no período de 1940 a 2012, como propulsores das mudanças no modo de vida e na territorialidade da comunidade em questão. A investigação foi realizada nos anos de 2012 e 2013 se utilizando da pesquisa qualitativa. Os dados foram coletados em campo com auxílio da técnica da história oral e por formulários com perguntas semiestruturadas. Por meio do estudo se constatou que a comunidade passou por modificações no seu modo de vida e territorialidade em decorrência da forma de apropriação, embasada na exploração desordenada dos recursos naturais e na exploração comercial, assim como, o uso de seu território para o desenvolvimento de atividades turísticas, também, demonstrou a fragilidade do ribeirinho em manter suas concepções socioculturais em detrimento da pressão exercida pela modernidade. A comunidade tenta adequar ao seu cotidiano o modo de vida tradicional com a modernidade.

Palavras-chave: Modo de vida. Territorialidade. Transformações. Comunidade Tradicional Ribeirinha. Lontra da Pedreira.

Abstract: This article presents a study on the changes in lifestyle and territoriality of traditional local population Lontra da Pedreira, located in the District of Pedreira, in rural municipality of Macapá, State of Amapá. The objective was to analyze the milestones that occurred during the historical process of socioeconomic appropriation of this space, in the period 1940-2012, as drivers of changes in lifestyle and in the community of territoriality in question. The research was conducted in the years 2012 and 2013 using qualitative research. Data were collected in the field by the technique of oral history and forms

with semi-structured questions. Through the study it was found that the community has undergone changes in their way of life and territoriality due to the form of ownership, based on the uncontrolled exploitation of natural resources and economic exploitation, as well as the use of its territory for the development of tourist activities, also demonstrated the fragility of the coastal maintaining their socio-cultural conceptions over the pressure exerted by modernity. The community tries to suit your everyday the traditional way of life with modernity.

Keywords: Way of life. Territoriality. Transformations. Riverside Traditional Community. Lontra da Pedreira.

Sumário: 1 Introdução - 2 Modo de Vida e Territorialidade dos Ribeirinhos do Lontra da Pedreira - 2.1 A influência dos empreendimentos privados e públicos no modo de vida e na territorialidade dos ribeirinhos - 3 Modo de vida e territorialidade no contexto atual - 4 Considerações - Referências.

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação refere-se a um grupo social dentre os diversos que habitam na região Amazônica, a população tradicional ribeirinha do Lontra da Pedreira, localizada no Distrito da Pedreira, na zona rural do município de Macapá, Estado do Amapá. O modo de vida desta comunidade está relacionado à forma de organização no território que habitam criando forte vínculo de territorialidade.

O espaço temporal da pesquisa foi entre 1940, que data a origem do povoamento, a 2012, ano que iniciou a investigação. O objetivo foi analisar as transformações no modo de vida e na territorialidade da comunidade dentro do processo histórico de uso e ocupação socioeconômico. Destacaram-se para o estudo quatro fatos marcantes: a atividade dos regatões, a instalação de indústrias de palmito e serrarias, a implantação de políticas públicas de infraestrutura e o turismo.

Para atender o objetivo proposto se aplicou a pesquisa qualitativa, onde o social é visto como um mundo de significados passível de investigação, o conhecimento e a experiência dos atores sociais e suas práticas são os principais elementos dessa abordagem. É imprescindível se considerar os significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores que se expressam pela linguagem comum e na vida cotidiana dos envolvidos (TEIXEIRA, 2002).

Os dados foram construídos sobre a vivência e o espaço natural dos indivíduos. A pesquisa enfatizou o processo dos acontecimentos considerando o contexto dos fatos ao longo da história que envolveu a comunidade, diante disso, se utilizou a história oral e formulários semi-estruturados. Baseados nos estudos de Lang (1996) e Meihy (1996, 1996a), a utilização da história oral é importante via de pesquisa basea-

da na coleta de fontes orais, que por meio de depoimentos são externadas as experiência e conhecimentos sobre fatos vivenciados.

As fontes de informações foram os moradores da comunidade, os turistas que frequentam o balneário aos finais de semana, os turistas que detêm uma segunda residência¹ nesta área e empresários que desenvolveram atividades econômicas na região.

O referencial teórico que norteou a pesquisa se embasou nas categorias de análise, modo de vida, território, territorialidade e a relação entre eles, foram elementos importantes para a compreensão da construção das relações sociais, culturais e econômicas da comunidade.

Dentro desta premissa, se concebe o território como o lugar imprescindível para a reprodução do modo de vida e a realização das atividades práticas e sociais (MARCQUES, 2004). Assim, o território é o resultado do uso e da apropriação do espaço por um grupo social, dessa forma, o modo de vida e território se integram.

Com base nesta compreensão, o modo de vida da Comunidade do Lontra da Pedreira vai sendo gestado mediante a forma como se organizam socialmente no território, agregando valores, simbologias, crenças e misticismos no desenvolvimento de suas atividades econômicas e culturais, formando uma identidade coletiva. Contribuindo com esta discussão, Suzuki (1996) traduz o modo de vida a partir da forma de percepção e concepção dos membros dos grupos em relação ao seu território, assim como, a sua própria vivência.

Pode-se dizer, então, que o processo de construção do modo de vida da população do Lontra se remete a forma como reconhecem o seu território e interagem com ele por meio das ações vivenciadas. Dessa forma, cria-se forte vínculo de territorialidade, a qual se efetiva nas relações sociais do cotidiano (SAQUET, SPOSITO, 2009). Ainda nesta mesma linha de pensamento, Diegues (1996) traduz o território como o espaço das reproduções culturais, onde os grupos sociais possuem uma íntima relação com ele, apresentam comportamento familiar e dependência econômica.

Neste mesmo contexto, Claval (1999) discute o modo de vida vinculado às formas como os indivíduos se relacionam com o seu território. Assim, o território é o espaço da construção da identidade de um determinado grupo social por meio de suas representações culturais. Mediante análises destas categorias e a pesquisa em campo, se compreendeu que a Comunidade do Lontra da Pedreira estabelece seu modo de vida e territorialidade com base na concepção que formam de natureza e nos valores agregados a cada elemento do espaço.

A comunidade apresentam uma forma peculiar e específica de desenvolver seu modo de vida, que está explícito nas suas manifestações econômicas e culturais exer-

¹ A segunda residência ou residência de veraneio, ou ainda, residência secundária, se contrapõe à residência permanente, o usuário da segunda residência deve, obrigatoriamente, morar em outro domicílio, considerado principal (TULIK, 2001).

cidas no seu cotidiano. O território é, acima de tudo, o espaço da construção de sua territorialidade.

2 MODO DE VIDA E TERRITORIALIDADE DOS RIBEIRINHOS DO LONTRA DA PEDREIRA

A ocupação espacial da comunidade remonta a década de 1940 com a instalação de duas famílias nas margens do rio Pedreira. A atração por este espaço foi motivada pelo fato destas terras estarem devolutas e apresentarem as condições naturais para a sobrevivência, ou seja, o rio e a floresta detendo os elementos essenciais de subsistência como a água e alimentação.

A partir de 1950, em decorrência do desenvolvimento de projeto de rizicultura na área, houve significativo aumento populacional, após dez anos essa atividade foi extinta, porém, os trabalhadores fixaram residência. O crescimento demográfico foi paulatino com nascimentos, casamentos e outros imigrantes ribeirinhos. Em 2013 a população perfazia um total de 315 moradores.

O processo de territorialização ocorreu baseado nos valores e simbologias expressas na construção socioeconômica deste espaço, Castro (1997) destaca dois elementos definidores da territorialidade ribeirinha, a floresta e os cursos d'água, não somente como recurso de sustentação, mas como forte significado na identidade. Durante o cotidiano dessas famílias foram desenvolvidas atividades combinadas entre o roçado (o cultivo das plantas medicinais e frutíferas), a extração vegetal (pesca) e animal, além da pequena criação de animais domésticos.

Sobre o modo de vida dos ribeirinhos, Loureiro (1992) retrata que estes desenvolvem uma estrutura produtiva, exclusivamente, embasada na subsistência, as principais atividades eram o extrativismo e a agricultura, desenvolvidos por meio de técnicas rudimentares e formas tradicionais. A subsistência da comunidade era garantida, quase que exclusivamente, pela agricultura familiar, realizada por meio de técnicas tradicionais, principalmente do cultivo da banana, mandioca e produtos extrativos da floresta, além, da caça e pesca.

Os artefatos necessários para a sobrevivência eram produzidos pelos ribeirinhos de forma artesanal com as matérias primas extraídas da natureza, a madeira, cipó e barro, importantes na fabricação de bens de uso doméstico, ferramentas de pesca e caça e na construção da canoa a remo, principal meio de transporte.

Outro elemento definidor do modo de vida era a utilização de uma linguagem própria, a qual expressava à forma como este grupo social percebia, vivenciava e se relacionava com o ambiente de moradia e com seus pares. As expressões ribeirinhas utilizadas na comunicação revelavam a forma como "concebiam e percebiam o seu espaço de vivência" (SUZUKI, 1996, p. 179), as relações desses povos tradicionais com a natureza manifestam-se no vocabulário e nos termos que usam para traduzir sua vivência e adaptação aos ecossistemas (CASTRO, 1997). Fazem referências aos elemen-

tos e aos processos naturais e culturais mediante uma linguagem integrada entre os membros do grupo.

A territorialidade da comunidade, também estava expressa no tipo de habitação, residências de madeiras às margens dos rios em forma de palafitas, eram simples, sem pintura e muros, seus limites eram estabelecidos pelas águas e matas. Para unir a casa ao rio era utilizado o trapiche de madeira ou troncos de árvores, conforme mostra a figura 01.

Figura 1: Tipo de moradia do ribeirinho do Lontra da Pedreira



Fonte: Pesquisa de campo, 2012.

Nos arredores da casa cultivavam as árvores frutíferas, as plantas medicinais e a criação de animais domésticos. Geralmente, o cultivo de produtos agrícolas em uma escala maior, como a banana, milho e mandioca, eram realizados em áreas distantes das residências, chamados sítios. Naquele momento não havia abertura de estrada para o deslocamento terrestre até o centro urbano de Macapá. O acesso era por meio da navegação pelos rios Pedreira e Amazonas, em decorrência desta dificuldade os membros da comunidade quase não visitavam a cidade, o que proporcionou aos moradores o desenvolvimento de seus hábitos e costumes sem muita influência urbana.

A manutenção integral deste modo de vida e de territorialidade irá perdurar até as dinâmicas comerciais privadas estabelecidas na área, em conjunto com as políticas públicas proporcionadas pelo Estado a partir da década de 1970, intensificando-se

em 1990, as quais influenciaram nas transformações no modo de vida e na territorialidade da comunidade.

2.1 A INFLUÊNCIA DOS EMPREENDIMENTOS PRIVADOS E PÚBLICOS NO MODO DE VIDA E NA TERRITORIALIDADE DOS RIBEIRINHOS

Ao se analisar a intensa atividade dos regatões² na região, no período de 1970 a 1980, se constatou que este comércio proporcionou aos ribeirinhos o acesso aos produtos industrializados, por meio da comercialização entre estes bens, a exemplo dos utensílios domésticos e das ferragens em geral, e os produzidos na comunidade, principalmente, banana, açaí e mandioca. As mercadorias transitavam nas embarcações nos rios amazônicos. A base do sistema comercial era o escambo de mercadorias, a moeda era pouco utilizada. A reação dos ribeirinhos era de completa alegria e satisfação com a chegada dos regatões, pois, traziam as novidades dos produtos da cidade.

Este comércio introduziu mudanças nos usos e costumes da comunidade, que passou a utilizar com mais frequência os produtos industrializados. O hábito alimentar foi alterado com a introdução das iguarias como balas, biscoitos e refrigerantes. Muitos bens de consumo, que eram confeccionados de forma artesanal com produtos naturais, foram substituídos pelos industrializados, a exemplo das panelas de barro pelas de alumínio, das cuias (recipiente em forma de tigela feito do fruto da árvore da cuieira) pelos copos de plásticos e vidros.

Com a abertura da estrada que liga o Lontra da Pedreira ao centro urbano de Macapá, facilitando o acesso ao centro comercial da cidade, aliada a implantação de pequenos comércios dentro da comunidade, os regatões entraram em decadência, porém, se intensificaram os usos dos bens industrializados. Outro fator estudado, como propulsor nas mudanças do modo de vida e territorialidade da comunidade do Lontra, foi o desenvolvimento de atividade industrial na área. Entre os anos de 1985 a 1995 foram instaladas empresas de palmito e madeira nas margens do Rio Pedreira.

As empresas envolveram os moradores no processo de produção como trabalhadores assalariados, ou, fornecedores de matérias primas (madeira e palmito³) para as indústrias. Visando atender a demanda das indústrias, a comunidade passou a extrair produtos naturais de forma intensiva e predatória. Estabeleceu-se na área uma crise na economia de subsistência, a caça, pesca e agricultura passaram a ser desenvolvidas de forma esporádica. A sustentação das famílias dependia dos salários recebidos e da venda dos produtos para as empresas.

²Entende-se por regatões o barco conhecido como vendedor ambulante, o mascate dos rios amazônicos (LOUREIRO, 1992). O abastecimento de víveres na região amazônica desde os tempos coloniais, de maneira geral, era realizado por via fluvial e tinha a participação importante dos regatões (COSTA, 2008).

³ Produto extraído da parte superior do tronco da palmeira do açazeiro (*Euterpe oleracea Mart*). Trata-se de uma iguaria culinária.

Sobre os impactos do envolvimento de comunidades tradicionais no mercado, Cunha e Almeida (2001) descrevem que embora a cultura tradicional tenha promovido à conservação no passado, as necessidades introduzidas pela articulação com a economia de mercado irão levar a mudanças culturais e a superexploração dos recursos naturais. Observou-se a mudança de comportamento em relação ao ambiente, os elementos naturais concebidos como condição para a sobrevivência, passam a ser visados e usados como produtos destinados à aquisição da moeda para a compra de mercadorias, criando dependência ao mercado.

As indústrias permaneceram no local até meados da década de 1990. Dentre os fatos que corroboraram para a decadência destes empreendimentos foram às exigências ambientais de ordem nacional e local, e a pressão dos moradores motivados pela crise ambiental e social instaladas. Com a decadência das indústrias, a comunidade intensificou suas atividades de agricultura familiar, caça, extrativismo e a pesca, entretanto, não só visando a sustentação, mas, também, a comercialização dos produtos, com isso, os recursos naturais continuaram sendo explorados de forma predatórios.

Também foram relevantes as mudanças nos usos e costumes da população local em detrimento da implantação de políticas públicas de infraestrutura, entre as décadas de 1980 e 1990. Neste período foi realizada a pavimentação da AP-070, estrada que liga o Lontra ao centro urbano de Macapá, foram inaugurados, também, a transmissão de energia elétrica, estação de água encanada, posto de saúde e centro comunitário na Vila do Lontra.

Estes empreendimentos surtiram efeitos sobre o modo de vida dos ribeirinhos, os quais passaram a adequar traços da modernidade com a tradicional. Substituíram muitos bens domésticos artesanais pelos industrializados movidos à eletricidade, a exemplo dos potes de barro pelas geladeiras e o suco do açaí, extraído de forma manual passou a ser feito em batedeiras elétricas. Evidenciam-se mudanças em relação ao hábito alimentar da população local com a introdução dos congelados, enlatados, embutidos e guloseimas. Com exceção do açaí com a farinha d'água, que ainda fazem parte da base alimentar, as carnes frescas ou salgadas de caça e pesca passaram a ser consumidas esporadicamente.

Outro fato significativo nas mudanças do modo de vida e territorialidade da comunidade foi o desenvolvimento do turismo a partir de 1990. A área tornou-se atração de turistas e ocupação pela segunda residência. Constatou-se duas formas de turismo na área, os de segunda residência, que construíram pequenos sítios ou adquiriram casa para passarem o final de semana e os períodos de feriados e férias e os turistas que frequentam o balneário e não possuem moradia de veraneio. A comunidade questiona a forma como a atividade turística está sendo desenvolvida, sem o acompanhamento dos órgãos públicos fiscalizadores ou de monitoramento para conter os prejuízos sociais e ambientais.

Em relação à geração de renda da atividade turística para a comunidade, é perceptível que é bastante insipiente, está atrelada a venda da produção dos ribeirinhos para os turistas. Os maiores consumidores são os banhistas do final de semana, os de segunda residência pouco consomem o produto local, geralmente, trazem da cidade o que necessitam. Outras formas de aquisição de renda são por meio do passeio turístico, o ribeirinho realiza uma *turnê* pelos rios e igarapés com os turistas em suas pequenas canoas, também realiza o transporte de turistas de segunda residência que possuem casas distantes da Vila do Lontra.

A ocupação do espaço por turistas e os de segunda residência se intensificou nas duas últimas décadas. De acordo com relatos dos moradores, a área era ocupada, com exceção de duas casas de veranistas, pelas moradias ribeirinhas. A partir de 1990 apresenta maior número de casas de veranistas em relação ao número de casas ribeirinhas. Muitos moradores que habitavam na vila, em função da valorização do espaço, venderam suas casas para o turista de segunda residência, com isso, se instalaram em locais mais distantes da vila, provocando dificuldades no deslocamento e escoamento da produção, ou migraram para outras localidades.

Alguns que possuíam grandes lotes de terra venderam parte, ficando com espaços reduzidos para desenvolver suas atividades de plantação, caça e pesca. De acordo com Diegues (1996), o território precisa ser controlado, pois, além do espaço de reprodução econômica e das relações sociais, ele é, também, o *locus* das representações e do imaginário mitológico dessas sociedades tradicionais.

Destaca-se que é característico do ribeirinho o uso de extensão de terra considerável para o desenvolvimento da atividade agrícola, extração vegetal e animal, ele é exímio caçador-coleto. Os espaços da floresta e do rio fazem parte de sua identidade e do seu ambiente de sobrevivência. Percebe-se que a territorialidade do ribeirinho é construída a partir dos valores agregados ao seu espaço. Quando ocorre a perda do seu território, ou parte dele, ele perde de forma significativa o seu referencial cultural.

Veranistas e turistas de segunda residência transportam para a área seus usos e costumes urbanos e as tecnologias avançadas, estabelecem uma dinâmica espacial antagônica entre o seu modo de vida com dos ribeirinhos, a exemplo dos meios de transportes que transitam no rio, os barquinhos a remo ou as rabetas dos moradores se cruzam com as motos aquáticas (*Jets Skis*) e com as voadeiras dos turistas. O espaço de moradia do ribeirinho se tornou o espaço de recreação dos turistas.

Ao se observar a atual configuração socioespacial do lugar se evidencia as contradições, não só entre o meio de transporte do ribeirinho e do turista, mas também nas arquiteturas das construções das moradias. A casa do ribeirinho, simples, de madeira, muitas ainda em estado bruto, sem muita pintura e decoração, enquanto que a do turista de segunda residência, apresenta uma arquitetura com características urbanas, casas bem delineadas e varandadas, fechadas e seguras, algumas de alvenaria e pintadas com cores chamativas.

Também se evidenciou impactos ambientais, o acúmulo de lixo nos rios e na vila do Lontra. Segundo informação de moradores, em decorrência do lançamento constante de resíduos de alimentos no curso d'água do balneário, houve a atração de cardumes de peixes ocasionando o ataque a alguns turistas e moradores. Outra problemática identificada são os impactos hidráulicos que ocorrem nas margens em decorrência dos banzeiros provocados pelo intenso trânsito de voadeiras e *Jets Skis*, este fato provoca o fenômeno das terras caídas colocando em risco a casa do morador.

Os ribeirinhos revelaram que temem pelos acidentes que podem ser causados aos turistas e moradores que usam as margens dos rios para o banho. Destacaram que ocorrem constantes alagamentos das canoas à remo, causados pelos banzeiros provocados pelo transporte de lazer dos turistas que apresentam motor potente e transitam em alta velocidade. Destaca-se que não houve a inserção de políticas públicas que realizassem o acompanhamento ou o gerenciamento desta atividade, diante disso, os moradores ficaram sujeitos ao desenvolvimento desregulado do turismo, o que deu origem aos problemas de ordem ambiental e social.

3 MODO DE VIDA E TERRITORIALIDADE NO CONTEXTO ATUAL

A forma de apropriação do espaço pelos empreendimentos econômicos privados e de infraestrutura pública, foram determinantes para o atual desenvolvimento do modo de vida e de territorialidade da comunidade do Lontra. Um dos reflexos desta apropriação está expresso na configuração socioespacial demonstradas pela distribuição geográfica da população, das 102 casas, 45 são de ribeirinhos e 57 são residências de veraneio. Atenta-se ao fato de que até meados da década de 1990 as casas ribeirinhas representavam a grande maioria, existiam apenas 04 casas de veraneio.

Esta inversão ocorreu com o relevante crescimento de turistas de segunda residência na região. A atração pelo local está associada aos seguintes fatores: infraestrutura de energia elétrica e água tratada; fácil acesso por estrada pavimentada; proximidade com o centro urbano de Macapá, a distância é de apenas 45 km; a beleza natural, área coberta de florestas e cercadas por rios e igarapés.

A atividade turística valoriza economicamente o espaço se tornando área de atração comercial, com isso, se instalaram 04 casas comerciais, que se destinam a venda de produtos diversos, e 04 restaurantes, que comercializam comidas e bebidas para os turistas, estando concentrados na Vila do Lontra. A referida vila está localizada na margem esquerda do rio Pedreira, é a sede política e administrativa da comunidade, além de ser o ponto de ligação por via terrestre com o centro urbano da cidade de Macapá.

Nesta Vila se concentra o aparato administrativo, a estação de água tratada, *container* para armazenamento do lixo, centro comunitário, posto de saúde, uma Escola Estadual denominada de Nazaré da Pedreira e a Igreja do padroeiro da comunidade, São Tomé. É no Centro Comunitário que ocorrem as manifestações culturais e políti-

cas, a exemplo das festividades no mês de junho (quadrilhas juninas) e a festa do santo padroeiro no mês de dezembro. Também se realizam as reuniões políticas e administrativas da Associação dos Moradores do Lontra.

As principais atividades econômicas que garantem a sobrevivência da comunidade estão concentradas na agricultura familiar, principalmente, produção da banana, mandioca, verduras e leguminosas, na extração do açaí, na pesca artesanal e nos serviços de transportes e passeios para os turistas. Destaca-se que apenas duas famílias desenvolvem a apicultura e a piscicultura em pequena escala. A produção, primeiramente, visa atender a subsistência da família, o excedente é destinado à comercialização local e nas feiras do produtor na cidade de Macapá.

Observou-se que a prática agrícola, caça e pesca ocorrem fora do espaço residencial, em áreas de mata fechada e cercadas por pequenos igarapés, necessitando de deslocamento via fluvial por embarcações. As atividades são desenvolvidas de forma tradicional e respeitando a dinâmica da natureza. O rio e a floresta configuram-se como principais elementos de sustentação e reprodução cultural. A comunidade do Lontra da Pedreira desenvolve seu modo de vida e territorialidade agregando valores ao seu território, manifestando respeito aos fenômenos naturais e valorizando as atividades econômicas tradicionais. Obviamente, os traços da modernidade são marcantes no cotidiano, principalmente, em relação ao uso de tecnologias.

Quanto ao comportamento da população em relação à atividade turística instalada e irreversível, procuram agregar valores econômicos, aumentando a renda familiar. Entretanto, dentro de suas perspectivas desejam o incentivo do Estado e o monitoramento no sentido de minimizar os impactos socioambientais causados pela expansão desenfreada.

4 CONSIDERAÇÕES

A Comunidade Ribeirinha do Lontra da Pedreira apresenta um modo de viver característico desta população. Durante o seu cotidiano vai gestando o território criando forte vínculo de territorialidade, onde o espaço é percebido e trabalhado de acordo com os valores criados e recriados pelos seus membros. É um grupo social tradicional que apresenta identidade própria com características inerentes. As tradições são seguidas, valoradas e repassadas aos seus membros.

Este modo de vida e de territorialização foi sendo reordenado e adaptado de acordo com as estruturas e o funcionamento dos processos que envolveram as conjunturas econômicas, sociais, e políticas ao longo da história de apropriação do território. Ao se analisar as atividades econômicas transplantadas para o local, os regatões, as empresas madeireiras, as fábricas de palmito, a inserção de infraestrutura pública e o turismo, se constatou que estes acontecimentos foram cruciais nas transformações no modo de vida e de territorialidade da comunidade.

Os empreendimentos estabeleceram mudanças nos usos e costumes dos ribeirinhos, com isso, geraram conflitos de ordem ambiental e cultural despontando para uma crise na economia de subsistência e degradação dos recursos naturais. A ocupação do território pelos empreendimentos reconfigurou a paisagem e produziu nova dinâmica socioespacial e econômica na comunidade.

Destaca-se o significado do território conforme seu uso, para o turista representa o local de desfrute da paisagem no sentido de proporcionar o lazer e o descanso nos períodos de férias, feriados e finais de semana, é o refúgio da vida urbana. Para o ribeirinho o território representa não só o espaço de lazer, mas o de vivência e sobrevivência. É o lugar de produção e (re) produção de seu modo de vida e territorialidade.

Diante dos conflitos socioambientais instalados na comunidade, é evidente a necessidade da intervenção dos órgãos públicos no gerenciamento da atividade turística, na valorização da economia tradicional e na garantia da reprodução do modo de vida e da territorialidade deste grupo social. Verificou-se que apesar da pressão exercida sobre o modo de vida e da territorialidade da comunidade, pontos importantes estão sendo preservados, a exemplo da agricultura familiar, do baixo impacto ambiental, da arquitetura das casas, ainda de madeira com o trapiche ligando a casa ao rio.

Mesmo com a modernidade expressa em suas residências, geladeira, fogão a gás, televisão, dentre outros, o ribeirinho mantém sua vida simples. Quanto à linguagem própria que utilizam ao longo de sua história, ainda são preservadas, principalmente, pelos moradores mais antigos. O ribeirinho mantém a concepção de economia simples que não visa o acúmulo de riquezas. Vive das atividades primárias e da produção agrícola. Ressalta-se que a contribuição do turismo como fonte de renda ainda é muito pequena.

Esta investigação efetiva demonstrou a fragilidade do ribeirinho em manter suas concepções culturais e de territorialidade, em detrimento da pressão exercida pela modernidade e novos usos e ocupação do território. Este grupo social tenta adequar ao seu cotidiano o modo de vida tradicional com a modernidade na busca de melhoria da qualidade de vida. A territorialidade continua sendo o principal vínculo cultural, o rio e a floresta ainda são suas referências socioeconômicas. O maior desafio desta comunidade é como viver na modernidade sem perder a identidade cultural.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Edna. **Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais**. In: CASTRO, Edna; PINTON, Florence (Orgs.). **Fases do trópico Úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup: UFPA-NAEA, 1997.
- CLAVAL, P. **O território na transição da pós-modernidade**. In: **Revista Geographia**. Ano 1 – nº2, 1999.

- COSTA, Paulo Marcelo Cambraia. **Na ilharga da fortaleza, logo ali na beira, lá tem o regatão: os significados dos regatões na vida do Amapá – 1945 a 1970**, Belém: Açáí, 2008.
- CUNHA, Manuela C. da; ALMEIDA, Mauro W. B. **Populações Tradicionais e Conservação Ambiental**. In: VERISSIMO, Adalberto et al (orgs). **Biodiversidade na Amazônia Brasileira**. São Paulo. Estação Liberdade: Instituto Socioambiental, 2001.
- DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo S. V. **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Brasília. MMA, 2001.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História Oral. Muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta**. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org). **(Re) introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia: Estado-Homem-Natureza**. Belém-Pa. CE-JUP, 1992.
- MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O modo de vida camponês sertanejo e sua territorialidade no tempo das grandes fazendas e nos dias de hoje em Ribeira – PB**, Dissertação – FFLCH/USP, São Paulo, 1994.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **(Re) introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.
- SAQUET, Marcos Aurélio; Sposito, Elizeu Savério (orgs). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- SUZUKI, Julio César. **De povoado a cidade: a transição do rural ao urbano em Rondonópolis**. Dissertação – FFLCH/USP, São Paulo, 1996.
- TEIXEIRA, Elizabeth. **As Três Metodologias: Acadêmica, da Ciência e da Pesquisa**. Belém-Pa. Revista e Ampliada, 2002.
- TULIK, Olga. **Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada**. São Paulo: Roca, 2001.

Artigo recebido em 12 de março de 2015.

Aprovado em 15 de dezembro de 2015.